

6.

Considerações finais

6.1

O percurso da pesquisa

Em lugar de simplesmente apresentar um resumo e uma articulação das principais questões e conclusões expostas ao longo deste trabalho, preferi iniciar estas palavras finais falando brevemente da trajetória que esta pesquisa percorreu desde o projeto original, apresentado no exame de seleção para o curso de doutorado, até sua forma final, a tese. A própria tese apresenta, é claro, todo um percurso de pesquisa, de escolhas, de reflexão e de interpretação. Mas nela não aparece muito do que precisou ser abandonado, acrescentado, descoberto e modificado, e talvez algumas das decisões mais importantes – e dos acasos também – que deram à tese a forma que ela possui e fizeram com que ela chegasse aos resultados a que chegou estejam ligadas a isso que nela não é patente ou evidente, embora seja fundamental.

Meu projeto original era estudar as relações entre o pensamento de Heráclito e o ceticismo antigo. Algumas das razões do interesse nessa pesquisa são que Heráclito é considerado, por importantes historiadores da filosofia antiga, um dos precursores ou antecedentes da tradição cética. E não apenas os intérpretes contemporâneos do ceticismo antigo relacionaram esta tradição com o pensamento de Heráclito, mas também os próprios antigos filiaram-na, direta ou indiretamente, ao pensamento heraclítico.

Por exemplo, Platão e Aristóteles – ainda que sejam, eles próprios, mais antigos do que a tradição cética propriamente dita –, além de Sexto Empírico – que busca sistematizar o ceticismo antigo –, quando mencionam e interpretam Heráclito em suas obras, indicam haver parentesco e proximidade entre o pensamento de Heráclito e o que viria a constituir a temática cética. Platão, no *Teeteto*, associou a doutrina de Heráclito ao relativismo de Protágoras; além disso, tanto no *Teeteto* quanto no *Crátilo*, mostrou que a tese heraclítica do fluxo e do devir poderia ter como conseqüência a interdição do conhecimento e da linguagem. Aristóteles, na *Física* e, principalmente, no Livro IV da *Metafísica*, inclui Heráclito no rol dos filósofos que teriam negado o princípio de não-contradição e, em sua defesa deste princípio, indica a existência de elementos céticos em Heráclito, em outros pré-socráticos e nos sofistas. Por fim, na leitura de Sexto Empírico, tanto Enesidemo quanto os seus seguidores teriam se equivocado ao afirmar que a via cética conduziria à filosofia heraclítica, pois, embora houvesse traços céticos em seu pensamento, Heráclito afirmaria o *lógos* como critério de verdade e, neste sentido, seu pensamento teria um caráter dogmático.

Em minha dissertação de mestrado, partindo de um exame da noção heraclítica de *lógos*, da misantropia de Heráclito, de sua crítica insistente aos ignorantes, de sua exortação constante para que os homens escutassem e compreendessem o que é comum a todas as coisas, compreendessem que há uma harmonia invisível mais forte que as conexões visíveis entre as coisas, fiz um exame que chamei de “a questão do conhecimento em Heráclito”. Estudei os fragmentos em que a questão do conhecimento foi tematizada explicitamente pelo Efésio, e concluí que ele reconhece dois modos de se compreender a realidade, dos quais um oferece o conhecimento efetivo do *lógos* e o outro não. Essa distinção está no coração de sua concepção do conhecimento.

Terminei por sustentar, nesse trabalho, que não procede a imagem do “Heráclito cético”, mas nenhuma análise detida e cuidadosa das *fontes* dessa imagem foi desenvolvida na dissertação. Meu projeto de tese original, então, previa um exame da recepção de Heráclito por Platão, Aristóteles e Sexto Empírico. Comecei a pesquisa por Platão, e dele não consegui nem quis mais sair.

De início, busquei eleger alguns diálogos platônicos para neles me concentrar: os diálogos em que há um exame extenso de Heráclito, de seu mobilismo e das implicações desse mobilismo para o conhecimento e a linguagem; e os diálogos em que há menção explícita ou ao menos muito clara a Heráclito, e onde não é o mobilismo o ponto central, e sim a unidade dos opostos e a simultaneidade da identidade e da diferença (algo sem o que o movimento pode parecer ininteligível; algo com o que o movimento mostra ter lei, medida, padrão, e ser inteligível). Os diálogos escolhidos foram então o *Teeteto*, o *Crátilo*, o *Sofista* e o *Banquete*. E o tema da tese se definiu e deu a ela o título que ela não deixou de ter: *Aspectos da recepção de Heráclito por Platão*.

Iniciei a pesquisa pelo *Teeteto*, e dele também não consegui nem quis mais sair. Ou melhor, relatei o *Teeteto* muitas vezes com os demais diálogos platônicos, mas sempre partindo dele, *Teeteto*, e de seu percurso de leitura. No início de minha leitura desse diálogo e da literatura sobre ele, me dei conta de duas coisas que exigiram decisões e tomadas de posição difíceis e demoradas: uma delas foi que muitos intérpretes do *Teeteto* examinam a recepção de Heráclito por Platão buscando antes de tudo determinar se Platão leu Heráclito corretamente. Desde o primeiro momento, me pareceu que eu deveria evitar inteiramente essa abordagem, pois, mesmo que me parecesse estranha a leitura platônica de Heráclito, eu não conseguia ver legitimidade numa leitura de Platão que viesse com uma interpretação prévia e pretensamente impecável de Heráclito, para, como um juiz, e o mais autorizado deles, julgar se Platão chegou lá e entendeu Heráclito direito ou não. De tal maneira me pareceu problemática essa abordagem, que decidi simplesmente tentar deixar de lado minha pesquisa de mestrado; não recorrer nem a ela nem a nenhuma fonte externa a Platão, mas buscar somente entender quem é o Heráclito que Platão desenha, em que contextos, e na discussão de que questões e problemas.

Mas, felizmente, chegou um momento em que ficou claro que não fazia sentido impedir a entrada de outras fontes, nem deixar de fora o trabalho que, no mestrado, tinha me levado a esse interesse e a essa pesquisa: pois, de um lado, o recurso a outras fontes e leituras de Heráclito não necessariamente precisa ser feito com o intuito de julgar se Platão entendeu Heráclito corretamente ou não, e,

de outro, ele pode ser muito proveitoso se o objetivo for ver o que Platão deliberadamente enfatizou e o que ele deixou de lado ou tratou mais brevemente no pensamento de Heráclito, enfim, que imagem de Heráclito ele decidiu transmitir, e com que propósito.

A segunda coisa que me tomou muito tempo e exigiu escolhas difíceis foi a percepção de que o *Teeteto*, que usei como uma espécie de porta de entrada para meu primeiro estudo de Platão em maior profundidade, suscita questões básicas, amplas e difícilimas sobre a obra e a filosofia de Platão como um todo: os comentadores do *Teeteto*, ao articularem este diálogo com o restante da obra platônica, numa leitura de tipo transversal, mostram que ele é importantíssimo para a reflexão, por exemplo, sobre os problemas que deram origem à teoria das idéias de Platão e sobre o desenvolvimento da concepção platônica acerca do *status* ontológico e epistêmico do devir e do mundo físico. E essas questões, além de fascinantes, me pareceram durante algum tempo fundamentais para qualquer exame do *Teeteto*, inclusive o meu, que de início não parecia requerer nada disso. Mas elas extrapolavam muito o recorte desta tese, e exigiam toda uma outra pesquisa, que não havia como ser feita, ou melhor, bem feita. Por isso, depois de elas terem produzido uma espécie de desvio na pesquisa e de vertigem em mim, decidi indicá-las, mostrar sua relevância e sua conexão com o texto do *Teeteto* e com a temática da tese, mas deixá-las em aberto, retornando ao tema da tese propriamente.

Já foi dito neste trabalho que mais de um objetivo pode dirigir uma investigação sobre a leitura platônica das idéias heraclíticas, e de fato mais de um propósito norteou a pesquisa apresentada nesta tese. O primeiro e mais importante objetivo deste exame da recepção de Heráclito por Platão foi entender, a partir da leitura do *Teeteto*, quais teses Platão atribuiu a Heráclito, quais imputou a seus adeptos, e como examinou e criticou essas teses tal como elas apareceram a seus olhos.

Freqüentemente se disseminou uma visão da leitura platônica de Heráclito segundo a qual Platão transmite do Efésio a imagem de um mobilista radical, cuja ontologia implicaria a impossibilidade do conhecimento e da linguagem. Busquei verificar se essa visão não é problemática, examinando a

interpretação que Platão constrói dos discursos e idéias heraclíticas de que fala na primeira parte do *Teeteto*. Platão estaria de fato atribuindo um mobilismo extremo a Heráclito nesse diálogo? Ou será que sua exposição da tese heraclítica do fluxo, no *Teeteto*, ao ser realizada em etapas que progressivamente vão apresentando versões mais e mais radicais desse mobilismo, se refere apenas inicialmente a Heráclito, para depois referir-se exclusivamente a seus seguidores extremados? Também procurei verificar se a interpretação platônica remonta de fato às teses e escritos originais de Heráclito. Mesmo considerando que Platão não foi um historiador da filosofia, mostrou-se inevitável pensar se a transmissão que ele fez do pensamento de Heráclito, além de filosoficamente relevante, é também historicamente verídica; se, do ponto de vista histórico, essa transmissão é multifacetada e rica, ou parcial e pontual. Será, por exemplo, que o *Teeteto* estaria atribuindo a Heráclito somente a tese do fluxo universal, isolando assim um aspecto de sua filosofia até o ponto de produzir uma imagem muito parcial e distorcida de seu pensamento? Ou será que ali Platão está apresentando uma imagem multidimensional de Heráclito, considerando de autoria do Efésio outras teses de peso, como por exemplo a doutrina da unidade dos opostos?

O roteiro que desenhei para minha investigação traduziu-se no ordenamento dos capítulos desta tese. Inicialmente, apresentei de maneira resumida a pesquisa realizada em minha dissertação de mestrado, que me levou a eleger o *Teeteto* como primeiro campo para a reflexão sobre a recepção de Heráclito por Platão. Examinei os fragmentos em que Heráclito tematiza a questão do conhecimento e passei em seguida à leitura do *Teeteto*, analisando a definição de conhecimento aí formulada e as relações aí estabelecidas entre a definição de conhecimento como sensação, a doutrina do homem-medida de Protágoras e a teoria do fluxo heraclítica. Busquei então apresentar as seções do diálogo em que as teses heraclíticas são expostas e criticadas, e sobretudo distinguir as passagens em que Platão discute um mobilismo que atribui a Heráclito daquelas em que critica um mobilismo radical que atribui aos adeptos deste. Examinei por fim a literatura acadêmica pertinente à autenticidade e ao significado dos fragmentos heraclíticos do rio, buscando analisar a interpretação platônica da teoria do fluxo

heraclítica, sobretudo tal como é exposta no fragmento 91 de Heráclito, cuja versão mais antiga foi conservada por Platão.

6.2

A riqueza da leitura platônica de Heráclito

Iniciei a leitura do *Teeteto* partindo do estranhamento provocado pelo fato de que, nesse diálogo, a interpretação dada à teoria do fluxo levou a filosofia heraclítica a fornecer fundamentos ao relativismo de Protágoras e, ao menos aparentemente, a implicar, no fim das contas, a impossibilidade do conhecimento e da linguagem. Heráclito, em seus fragmentos, mostra que, ao contrário, ele mais provavelmente se aliaria a Platão contra o relativismo de Protágoras e o radicalismo dos auto-intitulados heraclíticos, e a favor da idéia de que o conhecimento e a linguagem são possíveis. Pois o que Heráclito afirma, em resumo, é que o conhecimento é possível, e somente é possível a respeito daquilo que é “comum”, o *lógos*. O conhecimento não pode ser nem interdito, nem formado à luz de condições individuais e privadas. Heráclito viu, na “comunidade” do *lógos*, a condição do conhecimento, e, na parcialidade do julgamento que só considera o testemunho isolado das sensações/opiniões, sem integrá-las a um discernimento inteligente, a fonte do erro e da ignorância.

No entanto, no *Teeteto*, Platão encontrou motivos para identificar a doutrina do fluxo de Heráclito com uma das bases do relativismo de Protágoras e do sensualismo de Teeteto, isto é, de duas teses que afirmam que o conhecimento é sempre privado, que não há nenhum padrão objetivo e comum que possa ser usado para corrigir ou julgar os conhecimentos privados, e que, por essa razão, os conhecimentos privados são sempre infalíveis e verdadeiros. Mas foi precisamente no reconhecimento de que a sensação e o julgamento privado não bastam para dar aos homens o conhecimento que insistiram tanto Heráclito quanto Platão. A questão que se colocou então foi por que Platão não reconheceu essa aliança com relação ao pensamento de Heráclito.

De início supus que uma resposta possível a essa questão seria que, no *Teeteto*, não importava muito para Platão o fato de Heráclito poder ser seu aliado

contra o relativismo de Protágoras, pois o que interessava realmente a ele era que um aspecto da filosofia heraclítica, a saber, o seu mobilismo, servia para fundamentar o relativismo de Protágoras, podendo ser identificado como a sua fonte, ou uma das suas fontes. E esse relativismo, somente depois de ser construído sobre determinadas bases, poderia ser finalmente criticado e refutado, o que era um dos objetivos de Platão nesse diálogo.

Além de confirmar agora essa hipótese, me parece também haver uma outra razão para a ênfase dada, no *Teeteto*, à discussão da teoria do fluxo de Heráclito, e não a outras de suas teorias. A razão é que o *Teeteto* realiza uma distinção clara entre duas concepções do devir: uma que não admite qualquer resquício de identidade e estabilidade, e outra que afirma a identidade, a ordem, a estabilidade de padrões e estruturas na mudança. Era também objetivo de Platão no *Teeteto* criticar e mostrar as graves conseqüências da versão extremada da doutrina do fluxo, bem como mostrar a plausibilidade de sua versão moderada. E nada melhor do que tratar do mobilismo em Heráclito e nos heraclíticos para desenhar esta diferença.

Como busquei mostrar, mesmo que algumas passagens do *Teeteto* pareçam atribuir a Heráclito uma versão exagerada do mobilismo, não é Heráclito quem Platão ataca no *Teeteto*. Na crítica à doutrina do fluxo, este diálogo parece se referir apenas aos seguidores de Heráclito, e parece atribuir somente a eles a sua versão extremada. Platão relutou em atacar diretamente a doutrina de Heráclito, dirigindo-se na verdade às distorções feitas pelos heraclíticos.

Considero também que as contribuições do *Teeteto* não são apenas negativas: se seu propósito, de um lado, consiste em deixar as formas inteligíveis de fora para mostrar que o conhecimento não é possível sem elas, de outro, parece também consistir em distinguir de forma clara, talvez pela primeira vez na história da filosofia, sensação e julgamento. Como busquei argumentar, ao restringir a noção de *aisthesis* no *Teeteto*, distinguindo-a de *dóxa*, Platão parece estar contribuindo positivamente para o fim do que ele próprio considera dois erros graves: o erro, cometido pela filosofia, de confundir a sensação com o pensamento, a crença, a opinião ou o julgamento, e o erro, cometido pela sofística, de afirmar que as opiniões, as crenças e, pior, os conhecimentos que temos são

questão apenas de como as coisas, de modo sempre infalível e verdadeiro, nos atingem, deixam em nós uma impressão, aparecem para nós.

Finalmente, uma última consideração a respeito da leitura platônica de Heráclito no *Teeteto*: o pequeno trecho do diálogo em que a doutrina secreta é introduzida conecta a doutrina do fluxo de Heráclito com três outras doutrinas do Efésio, em lugar de apresentá-la isoladamente. Platão, no *Teeteto*, vincula as doutrinas heraclíticas do fluxo, da *orthotés* natural dos nomes, da unidade dos opostos e do fogo como princípio universal. Portanto, essa única passagem do diálogo oferece evidências suficientes de que Platão, em sua obra, não isola a doutrina heraclítica do fluxo, nem tampouco reduz a ela a filosofia de Heráclito, e sim oferece uma imagem multidimensional e rica do pensamento heraclítico.